

ATRAVESSAMENTOS DO TERRITÓRIO EM CORPOS E IDENTIDADES: INTERSECCIONALIDADE E RESISTÊNCIA DE TRAVESTIS EM JUAZEIRO DO NORTE

Ana Paula Macêdo de Albuquerque¹
Diana Lopes Pereira²
Iara Maria de Araújo³

INTRODUÇÃO

O texto apresentado consiste em um recorte literário de uma pesquisa maior, em desenvolvimento: “Experiência da Travestilidade em “Terra Santa”: entre abjeção, transgressão e resistência”; caracteriza-se enquanto uma proposta investigativa que vem sendo desenvolvida junto ao Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA. A pesquisa busca resgatar as vivências e construções dos sujeitos considerados abjetos em nossa sociedade: as travestis. Para tanto, tem como objetivos: desvelar o universo das travestis em Juazeiro do Norte, município do Cariri cearense conhecido internacionalmente por suas romarias e religiosidade construídas em torno do Padre Cícero; compreender a construção destas identidades, sua relação com a cidade, a família, as instituições e as políticas públicas a que tem ou não acesso.

Diante dos itinerários metodológicos, dos atravessamentos afetivos e da compreensão de território enquanto uma das múltiplas categorias de diferencialização que se articulam no social, este delineamento propõe dobrar-se sobre essa categoria – Território – e realizar uma análise interseccional. Não é objetivo deste texto recortar a realidade estudada, restringindo-a a um único marcador social, mas compreender quais são as implicações sociais deste marcador sobre o corpo e a vida das pessoas – travestis – a quem se destina essa pesquisa.

Segundo Souza (2000), a definição de território surge a partir da geografia política como um espaço sobre o qual determinado grupo social ocupa e se apropria, sendo um processo que resulta na construção de raízes e na criação de identidades. Para o autor, somente o tempo possibilita a produção de uma identidade socioespacial, identidade com o território e o poder que o controla, caracterizando-se como um espaço político por excelência. Assim, enquanto espaço ocupado, o território é construído pelos atores que o ocupam, ao tempo em que estes têm suas identidades delineadas a partir da experiência e do contato com os resultados dessa produção.

A ideia de apropriação pela territorialidade carrega consigo marcas de relações de poder que se estabelecem. Para Raffestin (1993), essa ideia promove limites físicos e simbólicos e, havendo estes, resulta em isolamento e separação que extrapolam barreiras geográficas. Para tanto, afasta-se aqui a tradição de definir o território apenas por suas características espaciais, sendo necessário olhar para a relação dos grupos sociais na interação com o espaço. O território, portanto, consiste em:

um campo de força, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a

¹ Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Mestranda do Mestrado Profissional em Educação (MPEDU) pela Universidade Regional do Cariri – URCA, anapaula13@hotmail.com;

² Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio; Residente em Saúde Mental Coletiva pela Escola de Saúde Pública do Ceará – ESP, dplopes23@gmail.com;

³ Orientadora; Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC, Professora associada da Universidade Regional do Cariri e Docente no Mestrado Profissional em Educação (MPEDU) – URCA, iara.mar@terra.com.br.

diferença entre “nós” (o grupo, os membros de uma coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders). (...) Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (...). (SOUZA, 2000, p. 86-7).

Diante disso, procura-se apresentar as características da cidade-território em que transitam as interlocutoras dessa pesquisa – o Cariri cearense, e mais especificamente, o município de Juazeiro do Norte:

A região metropolitana do Cariri é composta por 9 municípios, localizando-se ao Sul do estado do Ceará, fazendo divisa com os estados de Paraíba, Piauí e Pernambuco, tendo como principais cidades Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Devido aos elementos turísticos e climáticos, configura-se como berço cultural e artístico, além de ser sinalizada e reconhecida pelo turismo religioso. O território, habitado por cerca de 500 mil pessoas, fora inicialmente povoado por tribos indígenas, que passaram a ser expulsas da região após a chegada dos colonizadores, os quais vinham principalmente dos estados de Sergipe e Bahia. Frente à necessidade de mão de obra e a expulsão da população nativa, dar-se-á a chegada do povo negro, que passa a ser objeto da escravidão. É a partir deste ponto que se inicia fortemente o processo de desenvolvimento da região, intensificando-se com maior força anos depois, com a figura do Padre Cícero e o milagre a ele atribuído: o sangue jorrado na boca da mulher e beata Maria de Araújo, no dia 1º de março de 1889, durante a consagração eucarística (FIGUEIREDO FILHO, 2010).

Soares (2017) situa o Cariri cearense como uma região erguida sobre aspectos morais, culturais, religiosos e sociais, onde a vigilância sobre os corpos femininos é decorrente dos valores tradicionais do patriarcado. Para a autora, a apropriação dos corpos femininos (ou feminilizados) é resultado dos padrões conservadores próprios do patriarcado, e dentre estes estaria a separação entre o público e o privado, a valorização da família e a centralidade na religião. Portanto, é neste contexto que desigualdades sociais, raciais, identitárias, de gênero e sexualidade se estabelecem, resultando em apontamentos para a produção de invisibilidade, sobretudo aquilo que foge daqueles arquétipos.

Tem-se Juazeiro do Norte como a terra dos contrastes: o ambiente social se divide na dualidade entre o sagrado e o profano, pela considerável parcela da população flutuante (chega ao dobro da população/ano, segundo o IBGE) que vem a este município motivada pela fé e a visitação de igrejas, missas e pontos turísticos religiosos durante o dia; e a noite, muitas dessas pessoas buscam lazer, diversão e entretenimento, como afirmam relatos do documentário *Também sou Teu Povo* (2006), “ – Mas os romeiros, que durante o dia cumprem com as obrigações de fé ao Padre Cícero, a noite se entregam ao lado profano da festa. Uma mudança de comportamento que acompanha o giro dos carrosséis”. Nessa busca incessante de distração e divertimento, os romeiros também procuram o prazer através dos serviços sexuais da prostituição das travestis:

– Duas coisas que são adoradas no Juazeiro na romaria: O Padre Cícero e as travestis! Que chama mais atenção é o Padre Cícero, primeiramente, e a Mãe das Dores; segundo, as travestis porque os romeiros ficam assim, tudo olhando [...] – Que vem para pagar alguma coisa ou que vem pela religião, vem! Agora, que vem para desfrutar de algo aqui, por que sabe que aqui tem o conteúdo, também vem! Aproveitam e desfrutam... (TAMBÉM... 2006).

Observa-se que as travestis não ocupam os locais e instituições públicas, privadas, comerciais, de trabalho formal e informal, de lazer ou qualquer outro setor que faz parte do espaço social de vida da população de Juazeiro do Norte. Seria o que Perlongher (1987) define como Territórios Marginais, aonde a territorialidade não se define apenas como uma ocupação

física de espaços, mas como um espaço de códigos de sociabilidade que determinam lugares e constituem sujeitos:

À ideia de identidade, que define os sujeitos pela representação que eles próprios fazem da prática sexual que realizam, ou por certo recorte privilegiado que o observador faz dessa prática, justapomos a ideia de territorialidade [...] não interessará tanto a identidade, construída representativamente por e para o sujeito individual, mas os lugares (as interseções) dos códigos que se atualizam em cada contato (PERLONGHER, 1987, p. 152-153).

Diante disso, levantam-se os questionamentos acerca do perfil dessa população: Onde estão as travestis? Aonde residem? Em que trabalham? Aonde estudam? Que políticas públicas tem acesso e de que forma? Que restaurantes ou clubes de lazer frequentam? Porque parecem invisíveis a luz do sol e só aparecem à noite nas esquinas, becos, praças, ruas escuras e bares popularmente conhecidos por pontos de prostituição?

– Agora, essas romarias de agosto já vêm muito mais (pessoas) de fora. Então, isso vira atração, pois essa praça aqui é como se fosse um centro de apoio à classe. E todo mundo se encontra aqui: se encontra bicha de Sergipe, travesti de Alagoas, travesti de Caruaru, aí junta com as travestis daqui e com as travestis que vivem fora do país [...] Por isso que tem essa atração! É uma coisa diferente! (TAMBÉM... 2006).

Não se pode pensar neste contexto de ausência como mera causalidade ou característica própria desse povo, mas como resultado de exclusão e repartição social, relegando a este um território marginal e de consumo sexual, apontando para um não reconhecimento dessas pessoas enquanto portadoras de uma cidadania emancipatória.

As normas de gênero estão profundamente relacionadas a como e de que maneiras nós podemos aparecer no espaço público; a como e de que maneiras o público e o privado são diferenciados e como essa distinção é instrumentalizada a serviço da política sexual [...] Quem será estigmatizada e desempoderada, ao mesmo tempo em que se torna objeto de fascinação e de prazer de consumo? (BUTLER, 2016, p. 34).

Assim, a rua enquanto lugar de prostituição, consiste muitas vezes em espaço de socialização para as travestis. Pelúcio (2004) afirma que é comum que a transformação vivenciada pelas travestis se inicie a partir da ruptura com o mundo privado, com o espaço da casa, acompanhado do necessário espaço da rua – local em que estas encontram formas de sobrevivência e de potencialização dos seus processos de transformação.

Na rua se tornam as “rainhas da noite”, “poderosas”, “que conhecem muito bem os homens”, que atraem mais que as prostitutas” [...] nas esquinas, nas madrugadas, elas passeiam seus corpos construídos. Presas a estes espaços liminares não conseguem se inserir de fato na sociedade heterossexual, cristã e patriarcal (PELÚCIO, 2004, p.143-150).

Portanto, pensar o território em que transitam as interlocutoras dessa pesquisa é pensar que as fronteiras impostas como lugar de acesso às travestis se constituem enquanto um recorte interseccional de exclusão, preconceito, abjeção e invisibilidade de pessoas que assumem e vivenciam a constante construção, desconstrução e reconstrução de seus corpos e suas

identidades enquanto componentes primordiais para sua vida e sua existência. É sabido que outros marcadores sociais poderiam ser citados de maneira mais extensiva na composição deste texto, mas como explicitado, debruçar-se sobre a territorialidade e o trânsito das interlocutoras da pesquisa no espaço que residem, trabalham, vivem é a centralidade desse recorte literário-acadêmico, compreendendo o diálogo entre este marcador e as demais categorias. Assim, este trânsito não pôde ser pensado distante do marcador social do corpo, visto que sobre o território é ele que percorre, faz caminho, é tido como abjeto e é sobre ele que recai estereótipos, preconceito, segregação e violência.

METODOLOGIA

O caminho metodológico desse projeto investigativo se delineou muito por seus objetivos, a partir de métodos que pudessem responder a problemática aqui apresentada, no que se refere a desvelar as características específicas da comunidade que se identifica enquanto travesti e reside em Juazeiro do Norte, interior do Ceará.

Desta forma, optou-se por realizar uma investigação de caráter exploratório na perspectiva de pesquisa qualitativa, sabendo que estamos adentrando a realidade social, buscando questionar e/ou identificar fenômenos que possam ser reconhecidos por sua cientificidade. Assim,

[...] é necessário afirmar que o objeto das Ciências Sociais é *essencialmente qualitativo*. A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela (MINAYO, 1994, p.15).

Nessa perspectiva, definiu-se a observação participante como meio de conhecer, identificar e aprofundar o conhecimento científico acerca da identidade travesti, sendo as que frequentam o local popularmente conhecido como Giradouro, espaço de ponto de encontro e exercício da prostituição de travestis enquanto profissão, em Juazeiro do Norte.

Concomitante, será utilizada a História Oral como método teórico-metodológico, tendo em vista que este se caracteriza pela escuta e pelo registro da fala de pessoas excluídas da história oficial, inserindo-as dentro desta. Segundo Portelli (2001), a História Oral é uma metodologia que possibilita processos de mudanças e posturas, tanto para a pesquisadora quanto para aquelas que estão sendo pesquisadas. Estabeleceu-se como o método que mais se aproxima das travestis pois, permite acompanhar e sistematizar suas experiências e vivências da travestilidade, as construções das identidades sexuais, performatividades e transformação dos corpos, seus ambientes de interação familiar, social e de trabalho na prostituição de rua.

Desta forma, serão realizadas entrevistas semi-estruturadas, como meio de conhecer, reconhecer e visibilizar os depoimentos, a fim de criar possibilidades de manifestação das histórias da pesquisa. Atualmente, a pesquisa tem seu projeto qualificado e em fase de apreciação pelo Comitê de Ética, por se tratar de um estudo com pessoas em situação de vulnerabilidade, o que condiciona e legitima os mecanismos de construção de dados, análise, resultados e o produto final deste instrumento: a dissertação de mestrado.

RESULTADOS

Diante do exposto, visto que esse é apenas um recorte interseccional de uma pesquisa maior em andamento: a dissertação de Mestrado Profissional em Educação – URCA, podemos afirmar que a relevância dos atravessamentos do território, dialogando com as interlocutoras

dessa pesquisa, surgiram na fase de qualificação. É importante salientar e contextualizar que, estamos falando sobre travestis que residem em Juazeiro do Norte, município internacionalmente conhecido por suas romarias religiosas, o qual está situado na região metropolitana do Cariri, interior do Ceará, ou seja, na região Nordeste do país, com todas as suas implicações e exclusões que este contexto geográfico já nos remete.

Durante a elaboração desse projeto de pesquisa, sendo um processo dinâmico, foi necessário fazer e refazer várias modificações acerca dos limites da temática abordada. As leituras incorreram sobre autoras que transitam no território da prostituição de travestis, porém com um enfoque relevante acerca da saúde e da infecção pelo HIV, o que foi ponto de discussão e resistência junto a banca de qualificação, pois o delineamento desse tema não deseja incorrer no reforço a estigmas e preconceitos já solidificados. Porém, foram sugeridas mudanças acerca da fundamentação teórica, ou seja, priorizar o lugar de fala e utilizar autoras protagonistas dessas histórias; além de alterar a metodologia, pois tínhamos definido a etnografia como método, mas não haveria tempo hábil para se construir esses dados durante um programa de mestrado. Desta forma, optou-se por trabalhar com as categorias gênero, território e resistência, compreendendo que o território se configura enquanto trânsito destas travestis, inserindo-se como marcador social que implica em arquétipos religiosos e a tradicionalismos advindos de uma sociedade patriarcal e conservadora.

A fala de algumas travestis de Juazeiro visibilizadas no filme: *Também sou Teu Povo* (2006), já aponta que esse lugar, espaço de romaria religiosa, é um momento de encontro entre as travestis daqui, as de outros estados e até as que residem fora do país, e vêm sistematicamente a este município. Esse período se configura enquanto turismo religioso de visitação aos monumentos e igrejas do município, mas também, constitui-se enquanto espaço de busca de prazer, consumo sexual e diversão junto a corpos socialmente dissidentes e abjetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na medida em que existe o poder hegemônico, também se reconhece as resistências que aparecem nessa correlação de forças (FOUCAULT, 2009). Portanto, considerando as transformações próprias da contemporaneidade, podemos perceber outros modos de existência que embaralham os códigos de inteligibilidade e desestruturam as regras duais, as quais agora não comportam mais as normas essencialmente binárias da nossa sociedade, mas ao contrário, elas se amplificam enquanto diversidade.

Refletir acerca do lugar de origem e de fala como um dos recortes fundamentais na construção da identidade travesti nos aponta para atravessamentos em que percebemos que o local - Território – está intrinsecamente ligado a exclusão e obscurantismo dessas construções transgressoras, ao mesmo tempo em que problematiza, influencia e permite as vivências de sexualidade binárias e hegemonicamente aceitas.

Contudo, percebemos que as travestis não se intimidam pelas proibições ou fronteiras impostas à suas vivências, no perímetro da cidade. Pelo contrário, estas continuam ‘burlando’ as regras de controle e transpondo as barreiras físicas e simbólicas que se colocam nas suas existências/resistências. Desta forma, reforçamos a importância da relação espaço/interseccionalidade na pesquisa junto as travestis em Juazeiro do Norte, Ceará.

Palavras-chave: Travestis; Território, Interseccionalidade.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Corpos que ainda importam. In COLLING, Leandro (Org.) **Dissidências Sexuais e de Gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 21-41.



FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. **História do Cariri**. v.I . Fortaleza: Edições UFC, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009^a.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 16 mai. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p.15.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: Notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, nº 25. Campinas. Unicamp, 2005, 217-248.

PELÚCIO, Larissa Maués. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, São Paulo, v. 15(1): 123-154. 2004.

PERLONGHER, Néstor. **O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, [1987] 2008.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. **Projeto História**. São Paulo, 2001, n. 22, p.9-36.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993, p.269.

SOARES, Suamy Rafaely. **A Experiência Militante da Frente de Mulheres dos Movimentos do Cariri: as vozes que se insurgiram e um Cariri que odeia as mulheres**. In 13º Mundos de Mulheres e Fazendo Gênero 11, Florianópolis: UFSC, 2017.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA. Roberto Lobato. Geografia: Conceitos e Temas. 2^a ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 77-115.

TAMBÉM sou teu povo. Direção: Franklin Lacerda e Orlando Pereira. Juazeiro do Norte, CE, 2006. 14 mim. Disponível em: <<https://www.youtube.com>> Acesso em: 18 fev. 2018.

